

SEÇÃO TEMÁTICA

CLARICE LISPECTOR NO RECIFE

CLARICE LISPECTOR IN RECIFE

Elizabeth Hazin¹

RESUMO: Este texto é a tentativa de resgatar do passado ideias que ficaram para trás, esquecidas: um esboço de biografia de Clarice Lispector, a partir dos primeiros anos vividos no Recife. Assim, num primeiro momento – em uma breve introdução -, refiro-me ao surgimento da ideia e ao rumo que tudo foi tomando: visita ao Ginásio Pernambucano, o último dos colégios que frequentou na cidade, e exame do arquivo escolar; solicitação de fotografias da casa à época em que a escritora lá vivia feita à Fundação Joaquim Nabuco; conversa com familiares. A seguir retomo as poucas notas resultantes dessa pesquisa, apresentadas no I Congresso Internacional de Literatura Nordestina, realizado pelo Mestrado em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, em 1988, e constante de seus Anais.

PALAVRAS-CHAVE: Osman Lins; Clarice Lispector; Literatura e Biografia; Infância de Clarice Lispector.

ABSTRACT: This text intends to bring up some considerations regarding a choice. Yes, because if someone chooses an author to weave critical thinking about his work, it is because something very strong is leading him in that direction. It is about what can be reflected about what I write here, not simply wanting to reproduce someone's steps, but to understand and interpret them, transforming this possibility - given me by distance in time - into a more acute perception of esthetic options of those who build their critical text on a contemporary one. In this case, Osman Lins, an author born in Pernambuco (1924-1978) writing a critical text about a short story by Clarice Lispector, a Ukrainian author who grew up and lived in Brazil (1920-1977).

KEYWORDS: Osman Lins; Clarice Lispector; Literary criticism; Clarice Lispector's childhood.

Tudo começou quando realizava o doutorado em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo e assistia às aulas de Nádya Batella Gotlib sobre Clarice

¹ Doutora em Literatura. Pesquisadora Colaboradora Plena (PPG em Literatura da UnB). E-mail: ehazin555@gmail.com

Lispector, em 1984. Por ser recifense e saber que passaria as férias em minha cidade, conversei com ela acerca de ideia que então me ocorrera: percorrer o Recife em busca de lugares, de pessoas, de documentos e fotografias que pudessem me falar de Clarice, após tantos anos. Nada havia ainda de biográfico a seu respeito, e eu queria traçar os anos da infância e início da adolescência, em suma, os anos passados no Recife. Li então *A descoberta do mundo*, livro que me parecia capaz de fornecer dados essenciais por onde começar a busca, e também *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*, de Olga Borelli. Li, ainda, seus contos, naturalmente, sobretudo aqueles que transformavam o Recife em espaço literário.

A essa altura (já se passaram 35 anos), já não seria capaz de reproduzir exatamente o percurso seguido, mesmo porque meu trabalho final (sob orientação de Nádía) seria sobre a gênese do *Grande sertão: veredas* e todo o arquivo de Guimarães Rosa me aguardava no Instituto de Estudos Brasileiros, ali mesmo na USP. Entusiasmada, entreguei a ela na volta das férias os documentos que rastreara, mas terminei virando as costas para Clarice e mergulhando no mundo do sertão. Tentarei, então, refazer um pouco do caminho seguido, com as lembranças que me ocorrem agora.

A primeira coisa de que me recordo é a ida ao Ginásio Pernambucano, situado à Rua da Aurora, onde morei, por algum tempo, na casa de meus avós, em frente ao Rio Capibaribe. Não mais saberia dizer com quem terei conversado para explicar o motivo de minha visita, mas fui levada a uma biblioteca onde havia o arquivo com pastas de todos os alunos. Perguntei se haveria uma pasta de Clarice Lispector e me entregaram uma, afirmando não haver qualquer registro anterior de consulta. Todavia pouquíssima coisa ali restara, me informou a pessoa que me atendera. Não havia, por exemplo, qualquer Histórico Escolar seu (Fig. 1- 11). Mas constatei algo que me deixou boquiaberta: todos os seus documentos indicavam uma data de nascimento diversa daquela que todos nós leitores e pesquisadores conhecíamos até então: nascera em 1920, e não em 1925, o que significava o acréscimo de 5 anos à idade a que associávamos certos eventos, como, por exemplo, seu primeiro romance *Perto do coração selvagem*, para mim - desde esse momento - não mais escrito aos 17, mas aos 22. Alguns dos documentos da pasta traziam endereços diferentes daquele da casa que conhecemos no Recife como “a casa em que

morou Clarice” (Fig. 12), com a placa informativa (Fig. 13), situada à Praça Maciel Pinheiro: em 1932, quando Pedro Lispector apresenta o requerimento de matrícula para o 1º ano ginásial, residiam à Rua da Imperatriz, 21; em 1933, lê-se no requerimento de matrícula para o ano seguinte que residiam então à Av. Conde da Boa Vista, 178. Passei por todas essas ruas, mas sem fotografar coisa alguma, pois não possuía uma máquina e, àquela altura, a vida ainda me parecia toda por fazer, sendo o Recife um lugar acessível, ao qual sempre retornaria. Como o grau de comprometimento com o tema era pouco, afinal era por diletantismo que o fazia (ainda que toda investigação, por mais prazerosa que pareça, por mais leve que seja, traz em seu bojo algo que nos instiga e nos empurra mais e mais), fui conduzindo a busca com calma, intervaladamente, sem o mínimo traço de urgência.

Devido ao fato de não ter como fotografá-la, solicitei à Fundação Joaquim Nabuco fotografia da Praça Maciel Pinheiro² à época em que Clarice vivia no Recife, e em que aparecesse a sua casa. Consegui, assim, algumas interessantes, entre as quais a que aqui se vê, com a belíssima fonte em pedra lavrada, obra do português Antônio Moreira Ratto. (Fig. 14)

Por fim, falei ao telefone com familiares que ali residiam. Já não lembro quem me teria contado de Rebeca Berenstein, filha do dono da Livraria Imperatriz, retratada ficcionalmente no conto “Felicidade Clandestina”. Lembro ainda da ligação que recebi, poucos dias depois, de uma das irmãs de Clarice (deve ter sabido de mim através de alguma prima com quem falei), me pedindo para nunca revelar a ninguém a questão da data de nascimento que eu havia encontrado na pasta da escola. Pareceu-me ser essa uma questão tão séria que nem cheguei a divulgá-la (por mais que o desejasse) no texto que apresentei no Congresso em 1988, na UFPE, reproduzido abaixo:

Literariamente o Recife está ligado de forma indissolúvel à obra de Manuel Bandeira. Não se pode pensar liricamente nesta cidade sem que alguns poemas, alguns versos, que todos sabemos de cor (*e de cor significa de coração*) emerjam à lembrança. O Recife está assim inteiro na obra de um poeta que aqui apenas passou alguns anos de

² A Praça foi inaugurada a 7 de setembro de 1876, com o nome de Conde D’Eu, em comemoração à vitória brasileira na Guerra do Paraguai.

sua vida. No poema “Infância”, deixa registrada a importância que esses anos tiveram pra ele:

Com dez anos vim para o Rio.
Conhecia a vida em suas verdades essenciais.
Estava maduro para o sofrimento
e para a poesia.

O Recife de Bandeira é, portanto, uma construção literária no sentido mais alto e puro, naquele sentido mesmo em que Wordsworth definiu a poesia: “emotion recollected in tranquility”. Penso no caso de Clarice Lispector. Ao que eu saiba, até hoje ninguém se preocupou em estabelecer relações entre a sua obra e esta cidade. À primeira vista, parece mesmo que não é possível encontrar “laços de família” entre a escritora e o Recife. E, no entanto, mais do que Bandeira, ela aqui viveu. Não apenas os anos infantis, mas também parte da adolescência, justamente essa fase em que a sensibilidade, maravilhada e dolorosamente aberta ao real, tudo sabe captar com sensibílissimas antenas.

Pode-se talvez argumentar que o caso de Bandeira e o caso de Clarice têm diferenças abissais. Manuel é um pernambucano de quatro costados, nasceu de troncos genuínos e sem mescla, puro sangue de gente daqui há séculos. Assim, o Recife era para ele “a casa de meu avô”, avô aí acenando metonimicamente aos avós, aos antepassados, a todo um universo complexo, telúrico, genealógico e sentimental. Ao passo – dirá alguém – que Clarice aportou no Recife por acaso. Filha de imigrantes, ucraniana e judia, poderia tanto ter tocado o Brasil por este estado, como por qualquer outro do sul ou do norte do país.

Assim se explicará a aparente “ausência do Recife” na obra dela, silenciamento quanto aos parâmetros urbanos que foram o cenário de sua adolescência. Muito mais interiorizada e psicologizante do que aberta à circunstancialidade externa, a novelística clariciana parece independer do espaço. Mas a secura da terra em certas páginas de *A maçã no escuro* não terá algo a ver com a terra castigada do sertão do Nordeste? Um crítico literário de quem não recordo o nome afirmou ser *A maçã* o mais belo e profundo romance do Nordeste. Martim é um perfil talhado a machado. A musicalidade monocórdica da escrita, o geometrismo, tudo é alusão a esta terra.

Creio não ser suficiente afirmar que a obra de Clarice exprime sentimentos. O *ontem* dela tem a mesma forma que o *hoje*. De início seria preciso levantar o plano do Recife em que Clarice viveu. Que ruas, que praças, que praias, que recantos urbanos e suburbanos foram exatamente o cenário de sua infância e de sua adolescência aqui? Que escolas frequentou, em que clubes terá dançado, em que bibliotecas terá lido, onde passeou aos domingos? Além desse elemento imóvel, estático, há que buscar o fascinante lado humano.

Com quem Clarice conviveu? Quais foram suas amigas, quem a acolheu, quais seus professores, que colegas teve? Toda essa gente, grande parte dela, ou, seja como for, está circulando hoje, ainda a nosso redor. Há que procurar as pegadas da escritora na areia do tempo desaparecido. Nas crônicas de *A descoberta do mundo*, encontram-se algumas pistas:

Foi no primeiro dia de aula do Jardim da Infância do Grupo Escolar João Barbalho, na Rua Formosa, em Recife, que encontrei Leopoldo. E no dia seguinte já éramos os dois impossíveis da turma (...) No terceiro ano primário mudei de escola. E no exame de admissão para o Ginásio Pernambucano, logo de entrada, reencontrei Leopoldo, e foi como se não nos tivéssemos separado. (...) No terceiro ano de ginásio, minha família mudou-se para o Rio. Só vi Leopoldo mais uma vez na vida, por acaso, na rua, e como adultos. (...) Leopoldo é Leopoldo Nachbin. Eu soube que no primeiro ano de engenharia resolveu um dos teoremas considerados insolúveis desde a mais alta Antiguidade. E que imediatamente foi chamado à Sorbonne para explicar o processo. É um dos maiores matemáticos que hoje existem no mundo (LISPECTOR, 1984, p. 39-41).

Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde escoçavam despojos de serpentina e confete. (...) Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. (...) deixavam-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé de escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem (LISPECTOR, 1984, p. 105).

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife (LISPECTOR, 1984, p. 249).

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava

para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas (LISPECTOR, 1984, p. 446).

Devo ter viajado de trem na Ucrânia para a Romênia e desta para Hamburgo. Nada sei, recém-nascida que eu era. Mas me lembro de uma memorável viagem de trem, com 11 anos de idade, de Recife a Maceió, com meu pai (LISPECTOR, 1984, p. 547).

Não me parece crível que romances e contos não contenham traços, não espelhem, mesmo que obscuramente, a cidade que ela decerto amou, que contemplava com olhos adolescentes e virgens de toda uma experiência posterior, dolorosa ou enriquecedora, que viveu mais tarde fora daqui. Desejaria descobrir o Recife de Clarice Lispector.

Não creio que o sentimento de ser imigrante, o fato de sentir-se estranha em terra alheia tenha traumatizado a escritora ao ponto de levá-la a uma ruptura sentimental com a terra que, afinal, foi sempre dela. Aliás, Olga Borelli escreve à p. 43 de seu *Esboço para um possível retrato* que Clarice “sempre se indignou diante do fato de que havia quem relativasse sua condição de brasileira: nascera na Rússia, é certo, mas aqui chegara aos dois meses de idade. Queria-se brasileira sob todos os aspectos. Sobretudo o literário”. Ainda que Antonio Callado a tenha descrito assim Cf. GOTLIB, 1995, p. 52:

Clarice era uma estrangeira. Não porque nasceu na Ucrânia. Criada desde menininha no Brasil, era tão brasileira quanto não importa quem. Clarice era estrangeira na terra. Dava a impressão de andar no mundo como quem desembarca de noite numa cidade desconhecida onde há uma greve geral de transportes. Mesmo quando estava contente ela própria, numa reunião qualquer, havia sempre, nela, um afastamento.

Sim, porque tal descrição perderia toda força se não a considerasse ele como brasileira, como aliás afirma aí com todas as letras. Mais adiante, Olga fala de uma das obsessões de Clarice: o não saber expressar-se de um modo “literário” sobre “o problema social”:

A verdade, porém, é que tudo o que se refere à questão social sempre esteve presente em sua vida. Ela jamais conseguiu apagar da memória a imagem da miséria nordestina, ou melhor, a pobreza do Recife, principalmente a que até hoje se concentra nos mocambos dos mangues recifenses (BORELLI, 1981, p. 53).

Descobrir os rastros da escritora no chão recifense e depois os rastros recifenses em sua obra. Soa estranho Clarice romancista recifense? Por que não soa estranho Manuel Bandeira poeta recifense? Há obras que expõem uma cidade; outras a introjetam. Uma cidade é feita de imagens, de sons, de odores, de sabores, de superfícies tácteis, de cimento e nuvem, de água e de arquitetura. Assim, invade-nos por todos os sentidos. Somos investidos pela cidade, a cidade é indumentária do homem. Paralelo com o Cabral de “O Rio”: a partir do Capibaribe, reconstrói o Recife. Pessoa: “O largo de São Carlos é minha aldeia”.

Claire Varin, canadense que escreveu uma tese de doutorado sobre a escritora, procurou as raízes hebraicas em sua obra: o esoterismo da Cabala, a numerologia, o ritualismo. Há que decodificar agora a vertente recifense. Por ocasião de sua morte, o *Jornal do Comércio* publica uma entrevista feita durante sua última vinda ao Recife – aliás, a última viagem de sua vida. Perguntam-lhe: “Sabemos que você passou toda sua infância aqui no Recife, mas o Recife continua existindo em Clarice?” Ao que ela respondeu: “Está todo vivo para mim”. Há que pensar agora na perspectiva contrária, ou seja, no que existe ainda de Clarice nesta cidade que a viu crescer.

FIGURAS

Colégio Estadual de Pernambuco
Recife Pernambuco

Nome *Clarice Lispector*

Filiação { Pai *Pedro Lispector* Natural d.
Mãe _____ Natural d.

Nascimento { Local _____
Data *10/12/1920*

Residência _____

Matricula no ano letivo de 19____ na____ série do curso _____

Transferido do _____ em _____

Transferido para o _____ em _____

Observações _____

Fig. 1 – Capa da Pasta Escolar de Clarice Lispector.

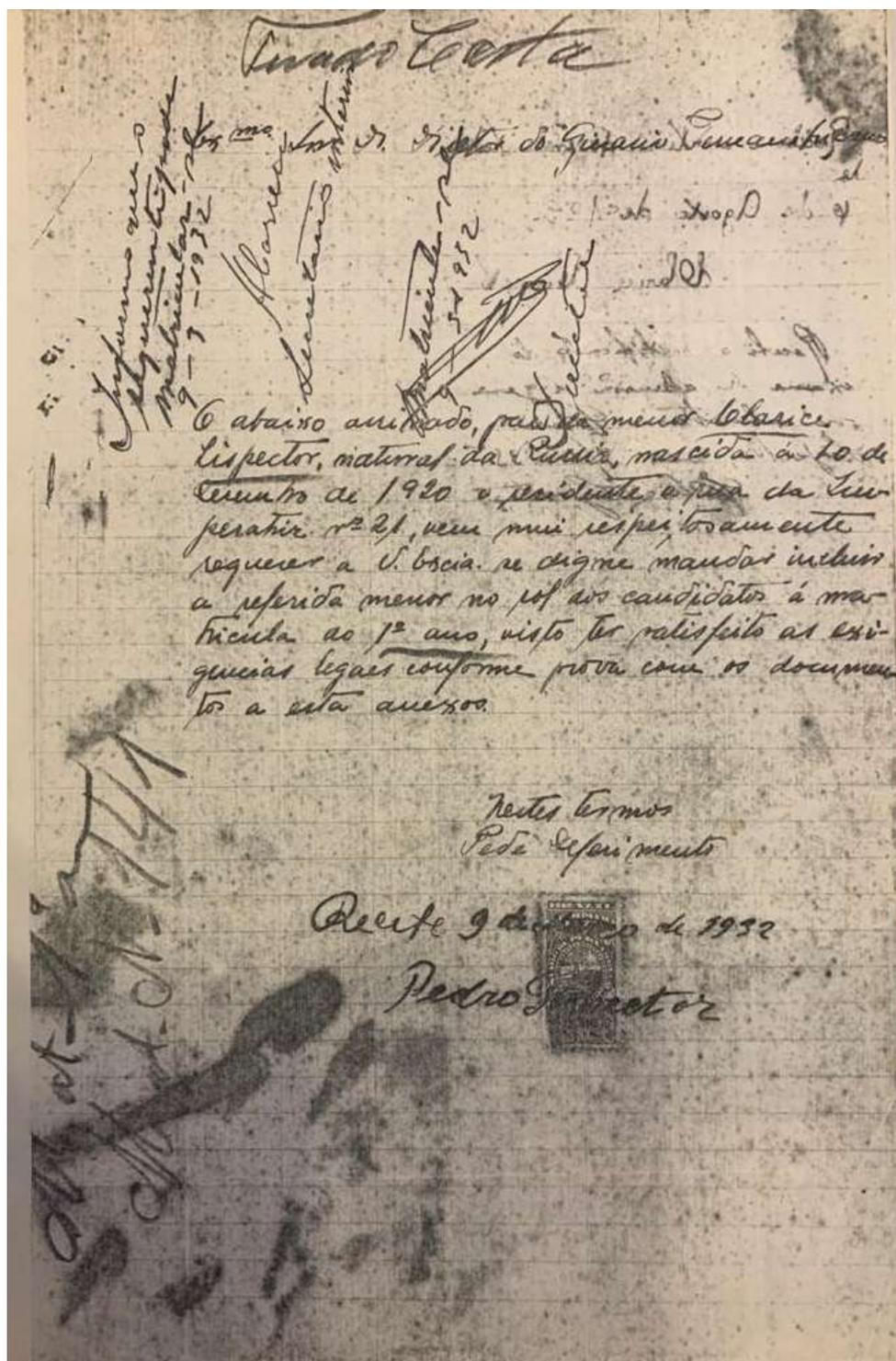


Fig. 2 – Requerimento de Matrícula de Clarice Lispector no Ginásio Pernambucano, em 1932. Assinado por Pedro Lispector, seu pai.

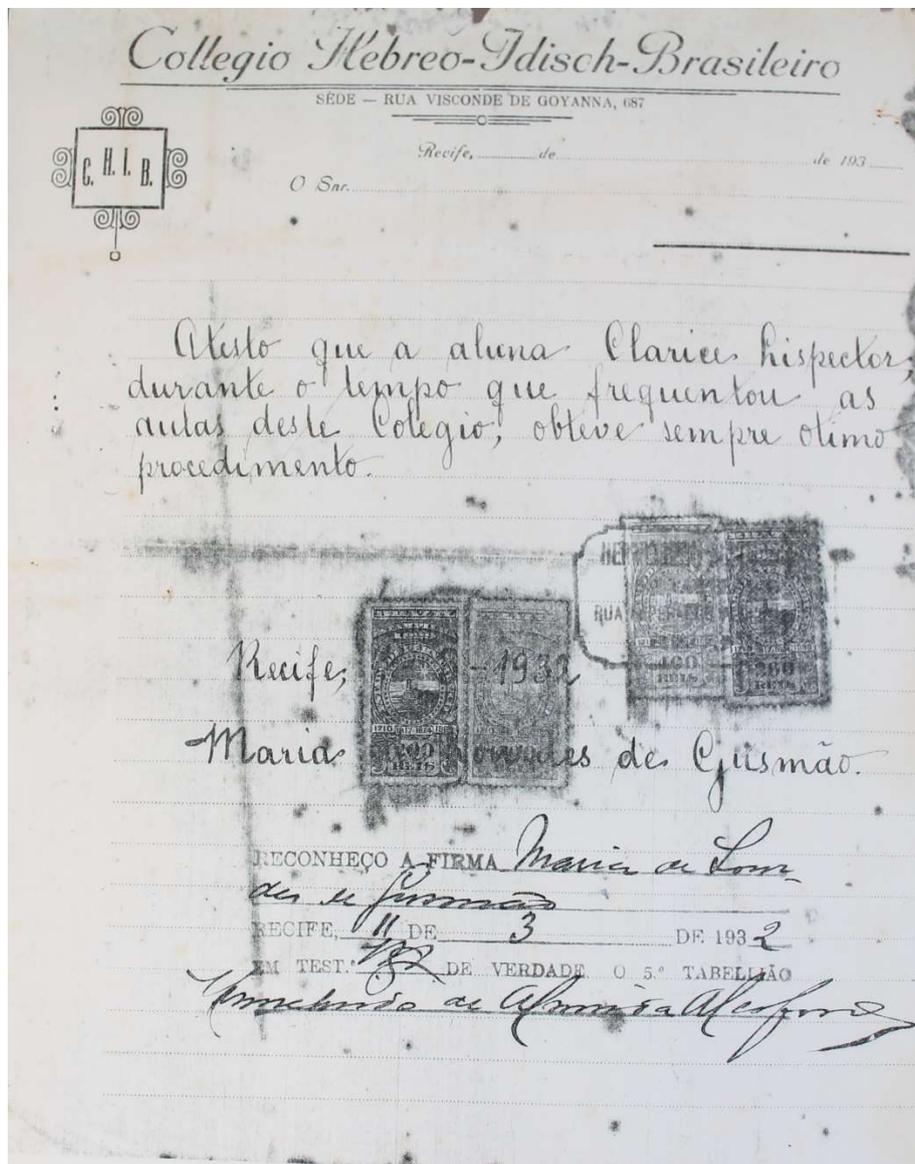


Fig. 3 – Atestado de frequência ao Colégio Hebreo-Idisch Brasileiro, anexado ao requerimento acima.

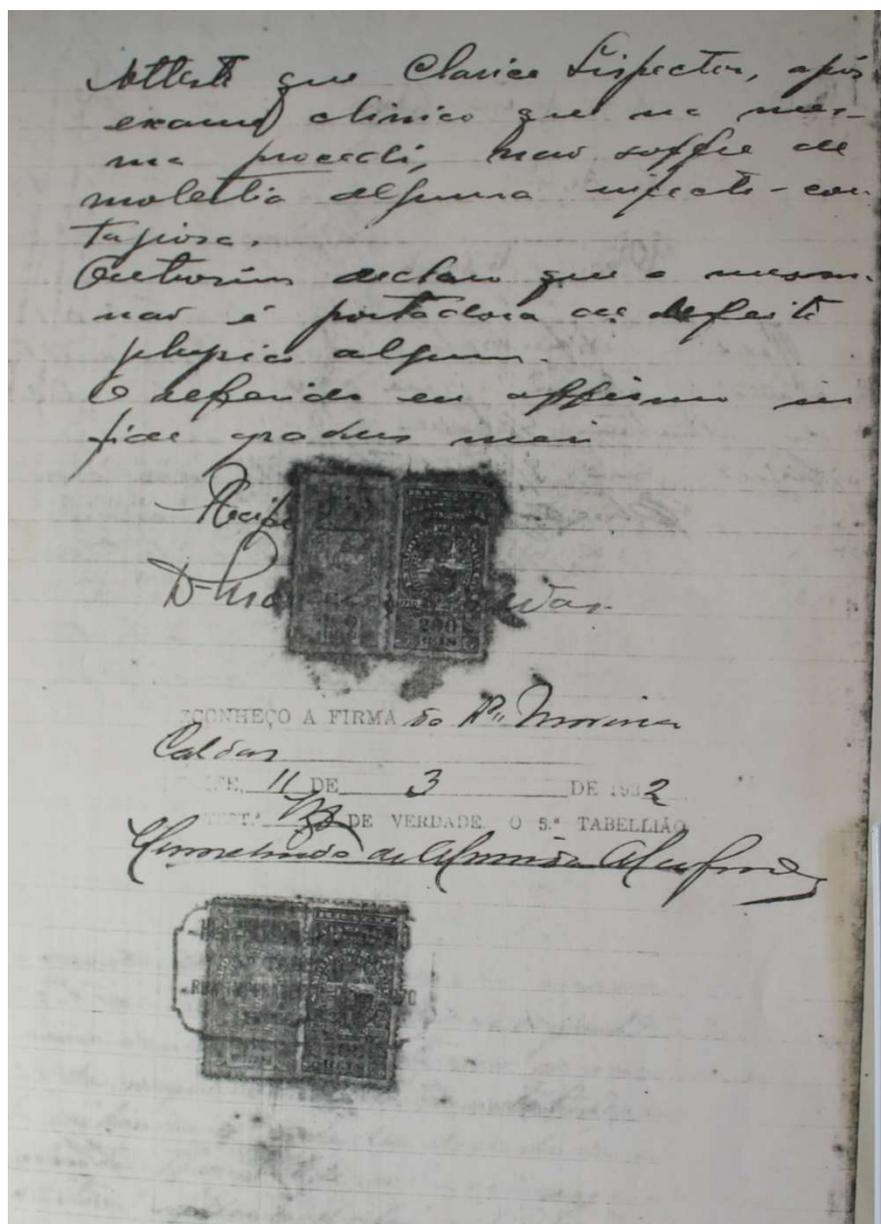


Fig. 4 – Atestado de Exame Clínico de Clarice Lispector, anexado ao requerimento acima.

DEPARTAMENTO DE SAÚDE PÚBLICA
Departamento de Saúde e Assistência
DIRECTORIA DE HIGIENE DA CAPITAL
Serviço de Epidemiologia
Estado de Pernambuco
(VARIOLA)

Certificado de vaccina N.º 35231

Certifico que 40 vaccinei a

Nome Helaine Leopoldo

Idade 11 annos

Naturalidade Imperatriz

Residencia rua do Imperatriz, 21-29

Resultado —

Recife, 26 de Ag. de 1931

Dr. Nogueira

Imprensa Oficial - Recife

Fig.5 – Certificado de Vacina, anexado ao requerimento acima.

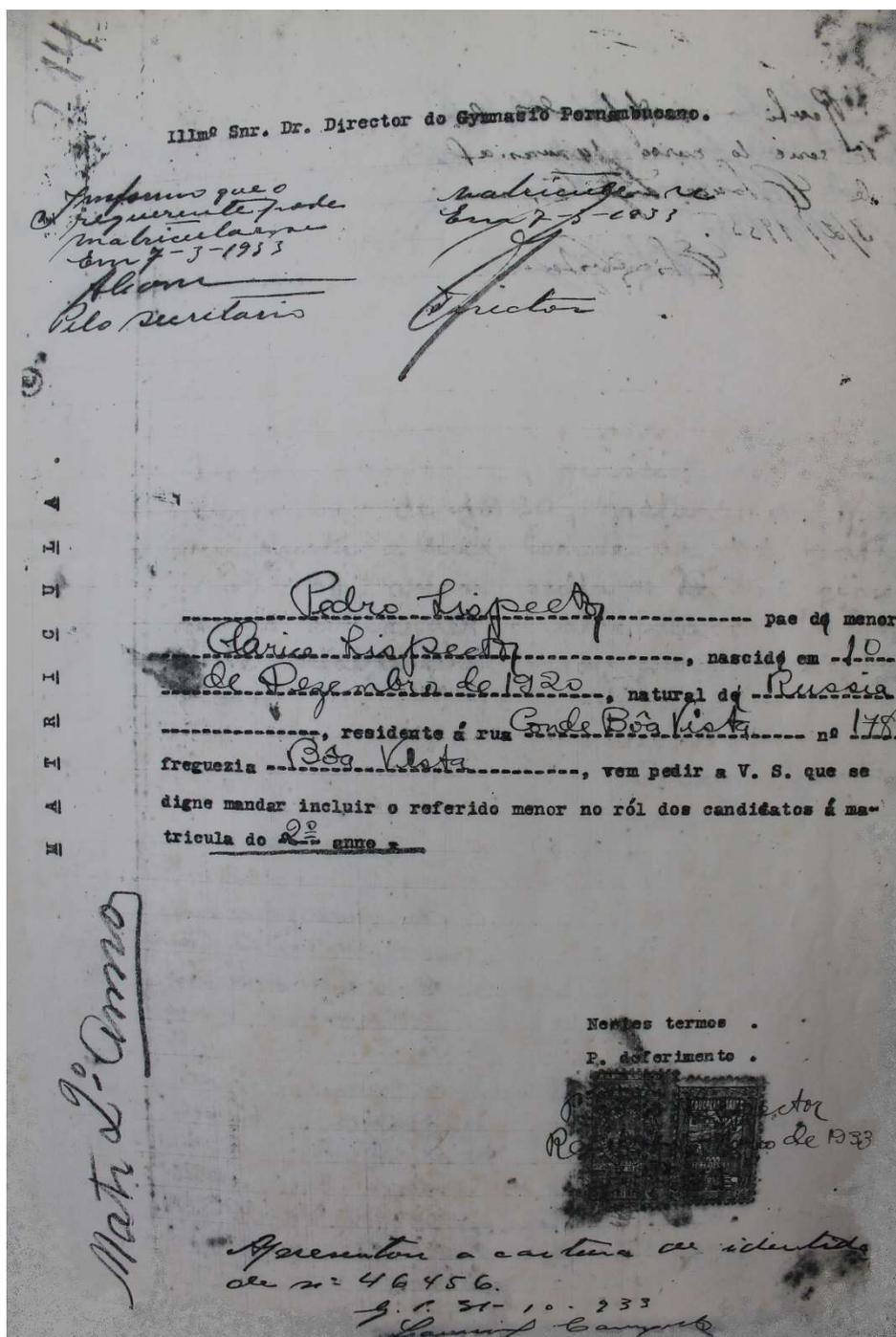


Fig.6 – Requerimento de Matrícula para o 2º ano ginásial, em 1933.

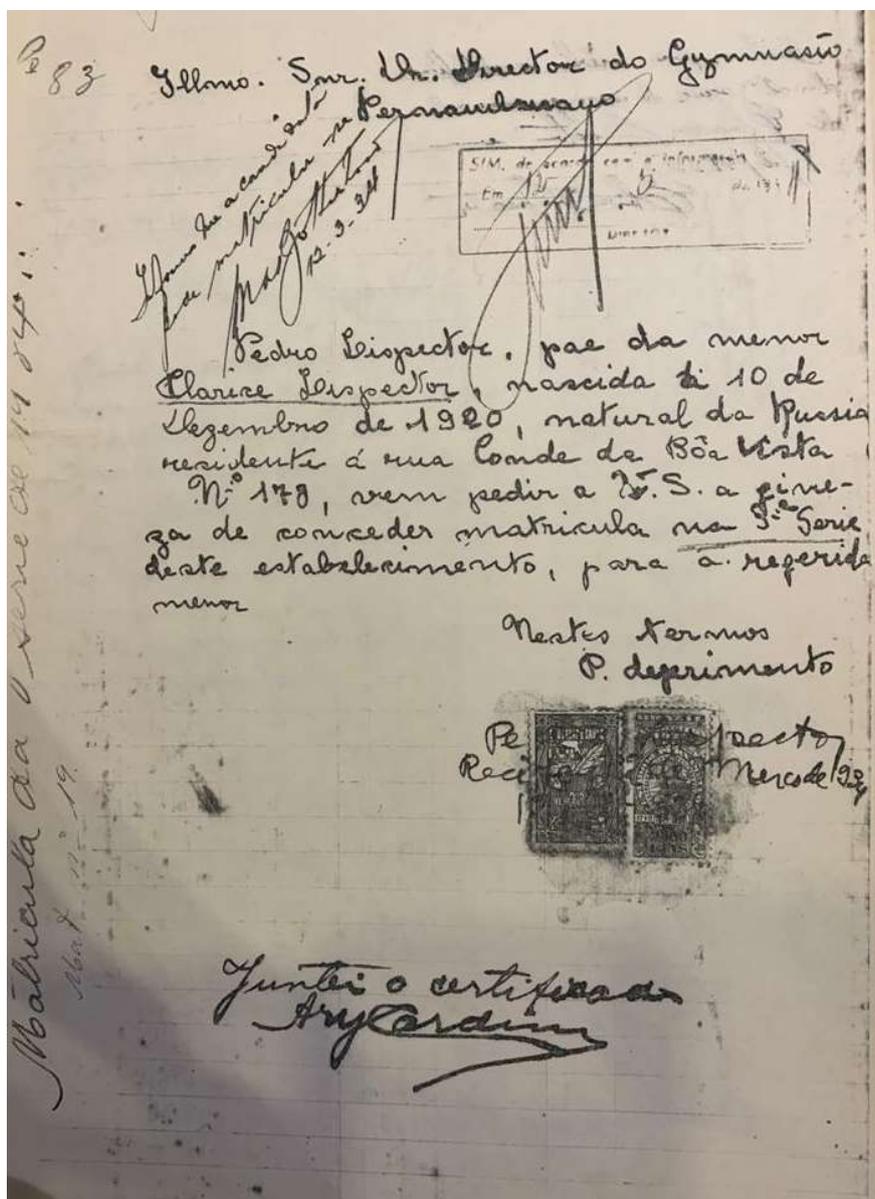


Fig.7 - Requerimento de Matrícula para o 3º ano ginásial, em 1934.

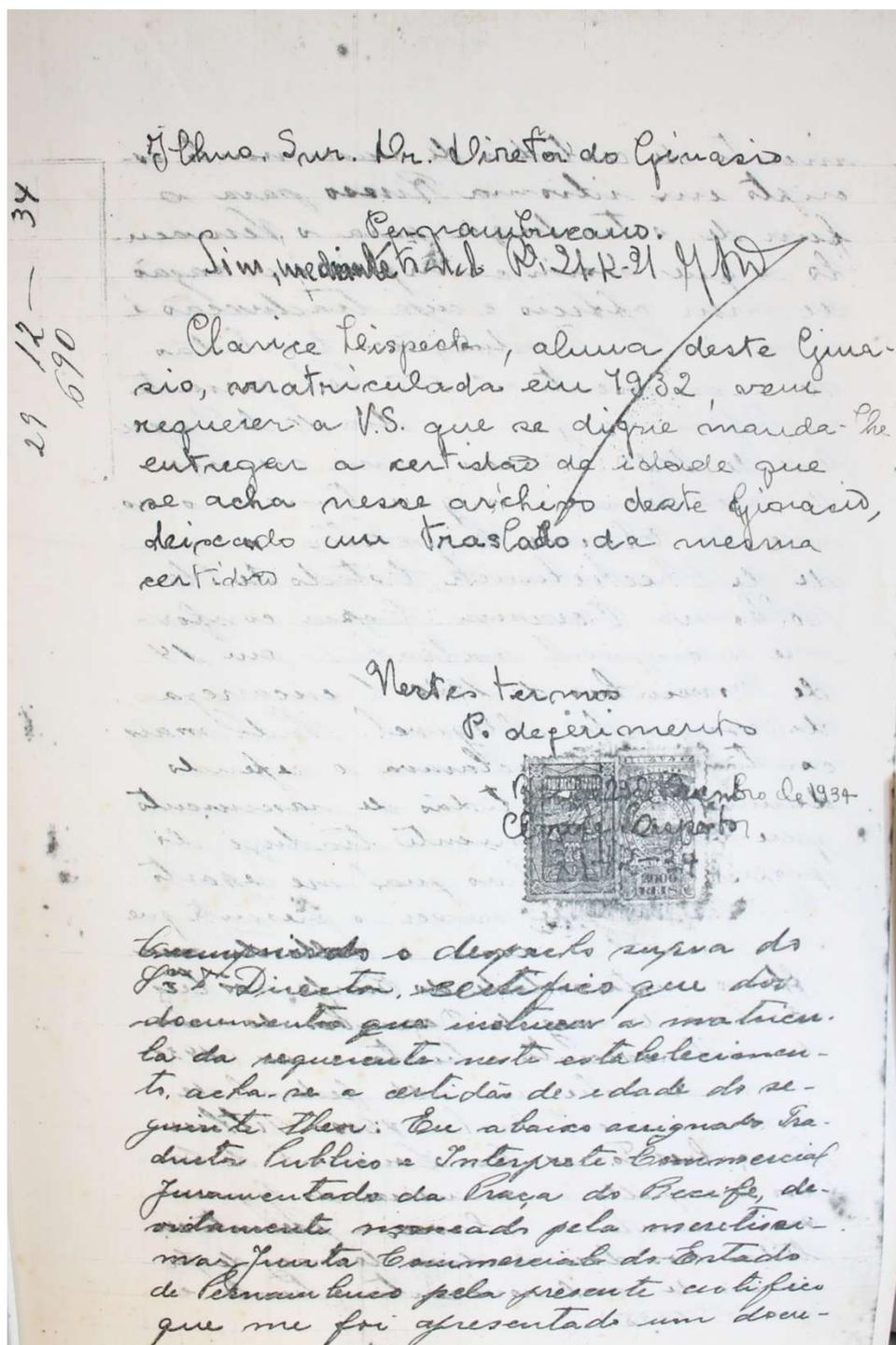


Fig.8 – Requerimento (frente) feito pela própria Clarice Lispector, solicitando a retirada de sua certidão de idade da Pasta Escolar.

mento de certidão de nascimento, escripto em idioma Russo para o fim de o traduzir para o Vernaculo, o que assim cumpri seu cargo de meu officio e cuja traducção é a seguinte: Traducção:- Certidão de nascimento n.º 158. Pelo presente certifica-se que no dia 10 de Dezembro de 1920 nasceu uma criança do sexo feminino que tomou o nome de Clarice Lispector na cidade de Chechelnic, Estado de Olopolka na Ocrania. Cópia conforme o original extractado em 14 de Novembro de 1920. O encarregado (assignado) illegivel. Nada mais continha ou declarava o referido documento de certidão de nascimento que bem e fielmente traduzi do proprio original ao qual me reporto. Eu fei do que passei o presente que assigno e selto com o sello de meu officio nesta cidade do Recife, nos tres (3) dias do mes de Dezembro do anno de mil novecentos e trinta e um (1931) assignado sobre um selto federal de 1000 e um estadual de 600. Arthur Gonçalves Torres. Eu Louival de Barros Campello, amanuense do Gymnasio Pernambucano, laureo a presente certidão aos dois (2) dias do mes de Janeiro de mil novecentos e trinta e cinco (1935).

Fig.9 – Requerimento (verso) feito pela própria Clarice Lispector, solicitando a retirada de sua certidão de idade da Pasta Escolar.

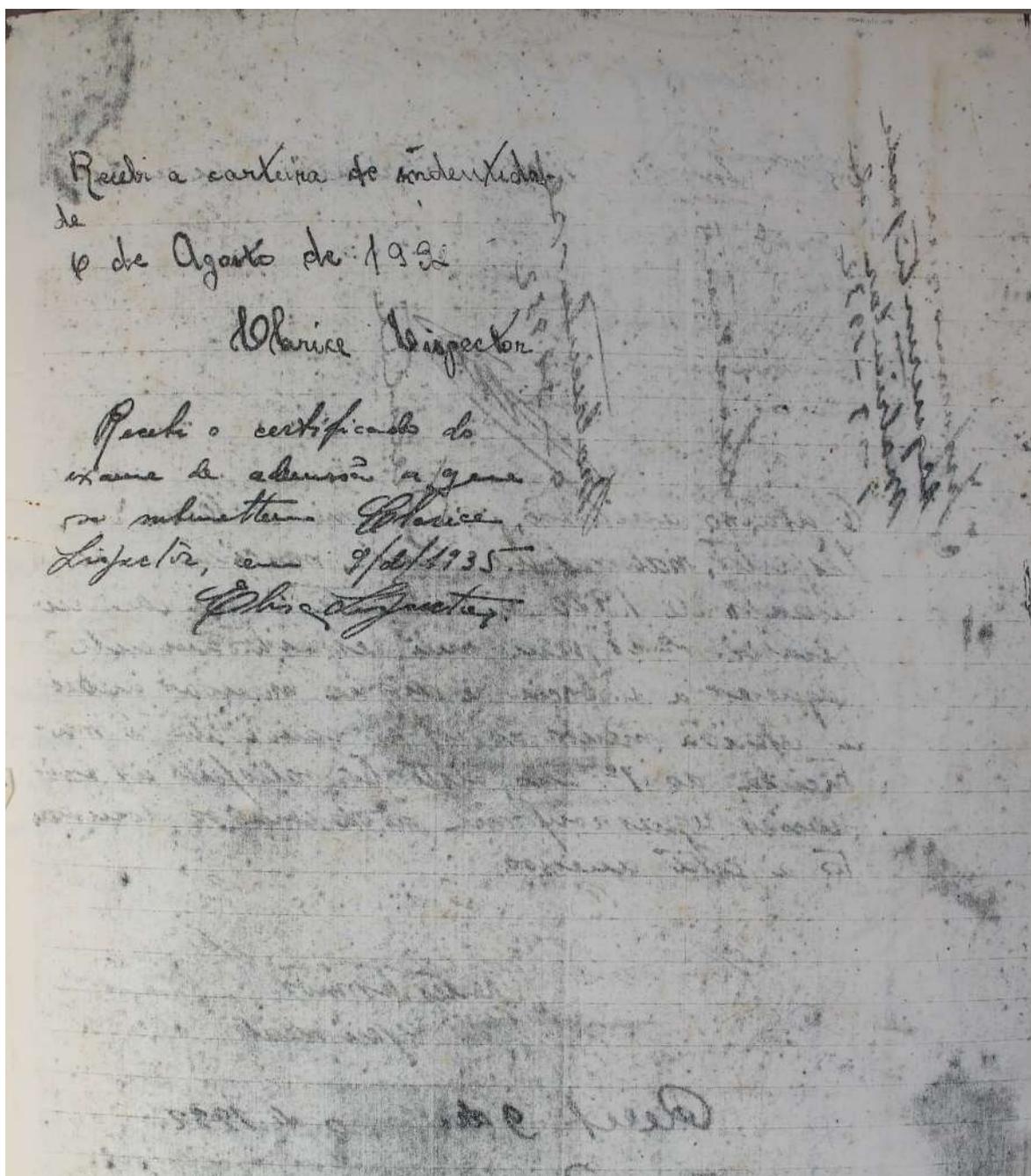


Fig.10 – Verso do documento da Fig.2, com declarações de Clarice (em 1932) e de sua irmã Elisa (em 1935), referentes ao recebimento de documentação.

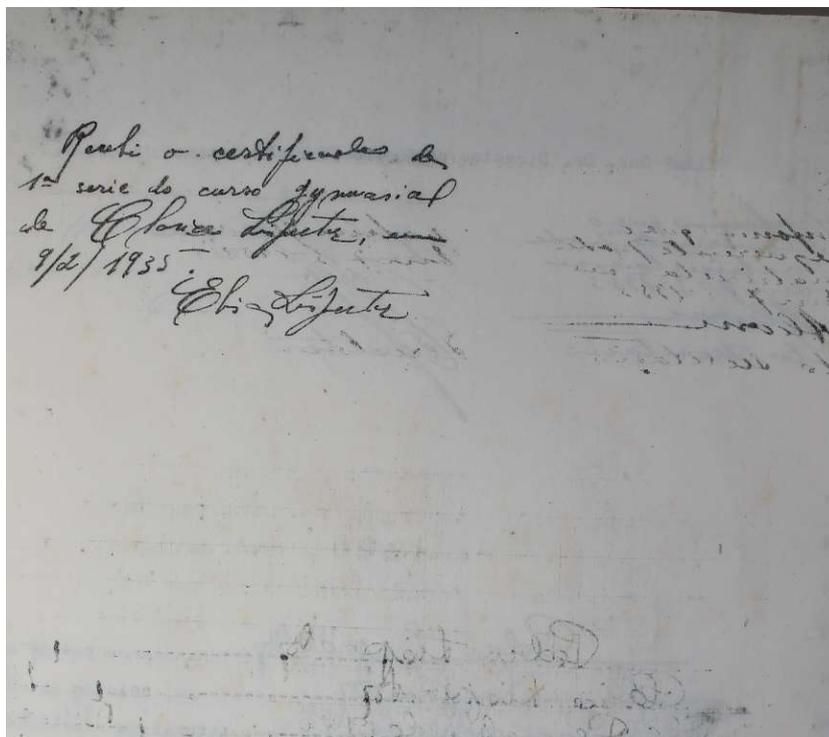


Fig.11 - Verso do documento da Fig.6, com declaração de sua irmã Elisa (em 1935), referente ao recebimento de documentação.



Fig. 12 – Praça Maciel Pinheiro atualmente, em que se vê a estátua da escritora defronte da casa em que morou.



Fig. 13 – Placa diante da casa de Clarice. Praça Maciel Pinheiro.



**Fig. 14 – Praça Maciel Pinheiro, 1940.
Ao fundo, o sobrado onde morou Clarice Lispector.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector – esboço para um possível retrato*. Rio: Nova Fronteira, 1981.

GOTLIB, Nádía B. *Clarice – uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio: Nova Fronteira, 1984.

CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS:

Fig.1 – 11 – Fotos minhas de cópias xerográficas de documentos do Arquivo do Ginásio Pernambucano.

Fig. 12 e 13 - Fotos de Gustavo Felicissimo.

<http://blogdamondrongo.blogspot.com/2017/04/o-abandono-da-casa-onde-clarice.html>

Fig. 14 – Foto de Benício Dias. Acervo fotográfico da Fundação Joaquim Nabuco.